



Bidinâmica tem cerca de cem empresas clientes, de vários tamanhos e segmentos

Negócios que nascem (antes) do lixo

Cinquenta por cento dos materiais recicláveis presentes nos resíduos gerados na União Europeia vão para aterro. Perde-se, assim, um potencial de negócio de 5,25 mil milhões de euros, segundo o relatório Gone to Waste. O Água&Ambiente foi conhecer empresas portuguesas que já agarraram as oportunidades económicas resultantes da reutilização e da reciclagem dos materiais.

Estávamos em 2004, o Campeonato Europeu de Futebol e o Rock in Rio Lisboa inundam as ruas da capital com cartazes publicitários, *muppies*, telas gigantes e folhetos. No final dos eventos, a pergunta que se impunha era óbvia, pelo menos para Helena Pinto, que chegava de Inglaterra munida de uma forte consciência ambiental. Qual seria o destino daqueles materiais? A

resposta, dada pelos responsáveis das empresas patrocinadoras que contactou, foi curta: não sei, vão para o lixo. Perante isto, Helena Pinto quis transformar estes resíduos em produtos e em negócio. Nasceu assim a Bidinâmica, empresa-mãe da marca Tela Bags.

Formada em economia, Helena Pinto trabalhava no sector da banca em Londres, onde a preocupação com

o ambiente estava, há seis anos, mais desenvolvida do que em Portugal. A Bidinâmica é fruto das suas preocupações ambientais, aliadas à criatividade e à aposta no eco-merchandising. Depois de analisar as características dos materiais publicitários e de pensar nos possíveis aproveitamentos para cada um deles, o passo seguinte foi dirigir-se às grandes empresas, habituais

Outros destinos sustentáveis

Recipav aplica borracha de pneus usados em estradas

Os automobilistas que cruzam as estradas nacionais 104 e 105, que ligam Vila do Conde a Santo Tirso e o Porto a Guimarães, respectivamente, desconhecem que o pavimento onde circulam foi, há dez anos, reabilitado com resíduos de pneus usados. Como explica António Pedreiro, director-geral da Recipav, a empresa que produz betume modificado com borracha reciclada de pneus usados (BMB), aquela foi «uma obra com 22 quilómetros de via e 1700 toneladas de BMB». Aquela foi, também, a primeira obra da empresa, em 1999, e marcou a entrada «pioneira» da Recipav no mercado português com uma técnica usada há mais de 30 anos nos Estados Unidos, Austrália e África do Sul.

«Na Recipav, a formulação utilizada para a modificação de betume com borracha utiliza exclusivamente borracha criogénica fabricada em Portugal, pela Recipneu», que utiliza os componentes resultantes da reciclagem de pneus em fim de vida, explica António Pedreiro. A lista de vantagens do BMB em relação aos produtos tradicionais é extensa: resistência à fadiga dez vezes superior; reciclabilidade no fim de vida; maior segurança rodoviária; redução do ruído e da projecção de água; e redução de custos ao nível da reabilitação, dado que «a espessura utilizada neste tipo de misturas chega a ser cerca de metade da que é utilizada nas misturas convencionais», garante o responsável.

«O custo por metro quadrado da mistura betuminosa é, geralmente, menor» do que nas misturas convencionais, acrescenta o responsável. No entanto, a ideia que passa para o mercado é muitas vezes a inversa. Sobre esta «falácia», o director-geral da Recipav considera que é apenas fruto de «interesses instalados», que «confundem o mercado, referindo o preço por tonelada em vez do preço por metro quadrado». Mas, lembra, «as misturas betuminosas modificadas com borracha, por serem mais resistentes, exigem menor espessura, e como tal menor quantidade aplicada».

«A técnica da modificação de betume com borracha está consolidada e em fase de expansão por todo o

mundo», garante, ainda, o responsável da Recipav. Em Portugal, «a percepção das mais-valias ecológicas associadas ao produto tem vindo a aumentar», apoiada nas políticas do Governo. Através do Despacho Conjunto n.º 4015/2007, dos ministérios das Obras Públicas e do Ambiente, o Governo determina a utilização desta técnica nas empreitadas de construção, reabilitação ou manutenção de estradas. A opção por produtos feitos com materiais reciclados está também consagrada na Estratégia Nacional para as Compras Públicas Ecológicas, mas «a prática das compras públicas ecológicas ainda não se fez sentir neste sector», lamenta António Pedreiro.

Ainda assim, para 2010, a Recipav espera aumentar a sua quota de mercado e aumentar o volume de negócios, que em 2009 foi de cerca de um milhão de euros (excluindo o betume base).

Plásticos mistos dão lugar a mobiliário urbano



O plástico veio para ficar. A constatação surge facilmente numa análise à rotina diária da maioria das pessoas: desde os talheres que usamos à refeição, passando pelos *tupperware* onde guardamos a comida, aos copos de iogurte, aos carros que nos levam ao emprego, até ao caixote onde depositamos o lixo. O problema surge quando é preciso dar um destino final aos plásticos mistos, que Sandra Castro, directora-geral da Extruplás, considera uma «praga social».

Só em finais de 2007 é que os plásticos mistos – cerca de 15 por cento dos plásticos recolhidos selectivamente – começaram a ser reciclados. A Extruplás surgiu com a solução: a empresa recicla os plásticos mistos e com eles fabrica mobiliário urbano, desde bancos de jardim,

a mesas de piquenique, floreiras, papeleiras, pavimentos, sinalética, pontes pedonais ou vedações. «Tudo o que pode imaginar em madeira, transforme em plástico reciclado», afirma a directora da única empresa portuguesa com capacidade de reciclagem de plásticos mistos, segundo a lista de recicladores inscritos no Sistema Integrado de Gestão de Resíduos de Embalagens. Em comparação com os produtos fabricados em madeira, o mobiliário feito com plástico reciclado tem várias vantagens. Desde logo, a maior durabilidade: cerca de 20 a 25 vezes maior do que nos produtos de madeira, o que diminui os custos de manutenção e reabilitação. Depois, a impermeabilidade, o que os torna «excelentes para ambientes húmidos ou marinhos». Já a reutilização do material reciclado evita ainda o abate de árvores, contribuindo para a preservação dos recursos naturais.

Nos últimos anos, a Extruplás colaborou com a Brisa no projecto «LIFE Ecovia», que decorreu entre Novembro de 2005 e Abril de 2009, e cujo principal objectivo foi o reaproveitamento de plásticos mistos, resíduos de borracha e resíduos de embalagens de bebidas (ECAL) para fabricar produtos aplicáveis ao sector rodoviário. Através do «LIFE Ecovia», que envolveu um investimento de 1,2 milhões de euros, dos quais 617,7 mil euros cofinanciados pelo programa «LIFE», a Brisa criou um «troço verde» de um quilómetro, onde foram aplicados os materiais reciclados. Os benefícios são assinaláveis: por exemplo, a produção anual de 50 mil postes com os materiais reciclados é sete por cento mais barata do que os actuais postes de madeira, e permite a reciclagem anual de 372 toneladas de plásticos mistos, 46,5 toneladas de resíduos de borracha e 46,5 toneladas de ECAL. No entanto, existe ainda um caminho a percorrer nos domínios da engenharia e do *design*, dado que estes produtos exigem adaptações construtivas. «É importante que dotemos o mercado com sugestões de aplicação, tais como a redução do vão entre peças», explica Sandra Castro, acrescentando que estes estudos exigem recursos financeiros, uma questão «importante» para uma pequena empresa como a Extruplás. Mas as perspectivas são animadoras. Em 2009, a empresa teve um volume de negócios de mais de dois milhões de euros, e prevê aumentar este valor em 20 por cento, em 2010.

“Remade in Portugal” promove uso de reciclados

A Bidinâmica, através da marca Tela Bags, é uma das 17 empresas que participaram, em 2009, no projecto “Remade in Portugal”, lançado em 2007.

O projecto, que transpõe para o panorama nacional o “Remade in Italy”, criado em 2004, procura incentivar a criação e o desenvolvimento de produtos fabricados com, pelo menos, 50 por cento de materiais provenientes de processos de reciclagem, de pré ou pós-consumo.

As empresas aderentes trabalham sobretudo nas áreas do *design*, *design* de imobiliário, cerâmica, indústria metalúrgica e têxtil, e produtos industriais. Organizado pela sociedade Cremascoli, Okumura e Rodrigues, Arquitectos, com o apoio da Agência Portuguesa do Ambiente, o “Remade in Portugal” já promoveu cerca de 28 exposições, e impulsionou um concurso de *design* destinado a profissionais e empresas, apoiando também o Concurso de Mobiliário com

Materiais Reciclados da Caixa Geral de Depósitos.

As empresas que aderiram à iniciativa, de diferentes dimensões e volumes de produção, têm um ponto em comum: «O empenho em contribuir para um ambiente melhor», garante Roberto Cremascoli, da direcção artística do projecto.

«As empresas que colaboram connosco possuem uma visão muito atenta da realidade internacional e uma forte capacidade comercial. Infelizmente, estas empresas são excepção», refere. A verdade é que «neste momento as vantagens ainda não são imediatas», reconhece Cremascoli, explicando que «o investimento na adaptação da produção actual a uma outra que contemple a incorporação de resíduos é, ainda, muito avultado».

O próximo grande passo é criar uma loja Remade in Portugal, que englobe os vários produtos comercializados pelas empresas aderentes.

patrocinadoras dos maiores eventos. «O que propusemos foram soluções criativas para os desperdícios e para os resíduos gerados pelas campanhas publicitárias, com uma vertente ambiental, à medida de cada uma», explica Helena Pinto ao *Água&Ambiente*. No fundo, «damos visibilidade à política de sustentabilidade das empresas, de forma original», conclui. A Bidinâmica contribui assim para que os resíduos não cheguem a ter como destino o aterro, uma missão importante tendo em conta que, na União Europeia, em 2008, cerca de 50 por cento dos materiais recicláveis presentes nos resíduos municipais, comerciais e industriais foram para aterro. A conclusão é do relatório *Gone to Waste*, recentemente publicado pela associação Friends of the Earth Europe. O documento revela que, se os resíduos tivessem sido reciclados ou reutilizados, ter-se-ia evitado a emissão de 248 milhões de toneladas de dióxido de carbono. O potencial de retorno financeiro seria de 5,25 mil milhões de euros.

Nova vida para os materiais

Na pirâmide dos “3 R” – reduzir, reutilizar e reciclar –, que orienta a estratégia da União Europeia rumo à “sociedade da reciclagem”, a Bidinâmica abrange os três degraus. Reduz a quantidade de resíduos produzidos, ao reutilizar os materiais, dando-lhes uma nova vida, através de uma reciclagem de ideias. E as possibilidades são várias: tapetes de rato, telas e folhas de papel dão origem a cadernos, pastas, porta-chaves, *puffs*, malas. «Inicialmente, trabalhávamos só com telas, um material que só as grandes empresas usam, mas assim que alargámos o leque de produtos passíveis de serem reutilizados, passámos a trabalhar com as empresas mais pequenas. Afinal, todas usam papel», diz. Hoje, a Bidinâmica tem cerca de 100 empresas clientes, de vários tamanhos e segmentos. «O negócio é sustentável», garante Helena Pinto, sem revelar valores de facturação. Mas «os dois primeiros anos foram muito difíceis», ressalva. As perspectivas para o futuro são mais risonhas. A empresa tem um plano de investimentos definido no ordem dos 300 mil euros, para os próximos dois anos, sobretudo em campanhas de divulgação da marca no estrangeiro e na ampliação dos pontos de venda das malas Tela Bags.

«Depois de uma fase mais comercial e pró-activa, agora somos procurados pelas empresas. São elas que nos apresentam os materiais e nos pedem soluções», revela a responsável. A “culpa” é das malas da marca

Tela Bags, que a empresa lançou em 2006 para serem a “face visível” da empresa, no segmento do retalho. O objectivo é dar uma segunda vida às telas, às sobras das velas de *kitesurf*, ao papel das revistas e dos jornais, e mais recentemente aos restos de linóleo que sobram das obras de construção civil, onde é utilizado para forrar pavimentos. «Na colecção de Inverno de 2010 teremos novos materiais», fruto de uma maior aposta na inovação, em termos de materiais e modelos, adianta. «Criamos objectos de *eco-design*, trabalhados individualmente e à mão em pequenas unidades de produção na zona da Grande Lisboa, o que permite escolher as imagens e conjugar as cores de modo a que cada mala seja única», garante Helena Pinto, apontando para os exemplares que tem expostos no escritório, bem no centro da capital.

«Todas as peças contam uma história», explica a responsável. Por exemplo, a colecção especial de lançamento contava a história do Chiado de há 100 anos, através de telas que sobram de uma exposição de fotografias do arquivo fotográfico de Lisboa. «Mas temos consciência de que, antes de mais, os produtos têm de ter qualidade, ser bonitos, e só depois vem a questão ecológica», admite Helena Pinto. Por isso, no que toca às telas, a empresa tem trabalhado mais com os materiais que recolhe em Espanha: «São de melhor qualidade, têm mais riqueza gráfica e são muito mais interessantes, porque têm imagens dos dois lados», explica. Por cá, a Tela Bags vai buscar telas às lojas de móveis Ikea, à Feira Internacional de Lisboa, a museus ou centros culturais, com os quais tem parcerias. O papel, por seu turno, resulta de sobras dos jornais e das revistas, que «têm todo o interesse em escapar ao caixote ao lixo», afirma, sublinhando que «os desperdícios nesta área são chocantes».

Actualmente, este produto está já à venda em dez países da Europa, com destaque para França e Inglaterra. O mercado brasileiro é também apetecível para a responsável da Tela Bags, que adianta estar à procura de parceiros locais para entrar no país. «Em termos de vendas, o mercado internacional representa 30 por cento, e o objectivo é chegar ao final de 2011 com a situação inversa», refere.

A empresa foi recentemente convidada a expor as Tela Bags no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, o que será «o primeiro passo no mercado americano». O Canadá é outro mercado em estudo.

Marisa Soares



Doppstadt

Zona Industrial do Salgueiro, Lote 14 – Apartado 168
3534-000 Mangualde
Telefone: 232 819 880 ** Fax: 232 819 889
E-mail: info@gruman.com

